

Quaderni portoghesi

11 · 12

ESTRATTO



Primavera · Autunno 1982

Giardini editori
e stampatori
in Pisa

Breve notícia acerca do «Romance do Cativo de Argel»

Pere Ferré

Em Novembro de 1982, enquanto pesquisava na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada a documentação pertencente a Teófilo Braga, a fim de concluir o estudo das fontes do *Romanceiro Geral Portuguez*, encontrei na caixa 16 um fólio manuscrito do século XIX, de pequenas dimensões (15×20,5 cm), dobrado ao meio, escrito em letra inglesa. Tratava-se de um famoso texto impresso por Braga no seu *Romanceiro Geral colligido da tradição* em 1867, entre as páginas 113 e 115. O especial relevo adquirido por esta versão deve-se a que figura, na primeira e segunda edições deste *Romanceiro*, como sendo uma «lição manuscrita do século XVII», o que o tornava uma verdadeira peça arqueológica do romanceiro tradicional moderno. Saliente-se ainda, para ampliar a relevância da data, que deste romance («O Cativo do Renegado»), apesar de se conhecerem várias versões do século XVI¹ «parece claro que

todas las impresiones del romance están enparentadas entre sí por tradición escrita» o que as torna profundamente semelhantes «aunque (...) algunas de las correcciones de los editores no carecen de importancia, pues cambian los datos topográficos y, de resultas, alteran el tiempo y el ambiente «histórico» en que se desarrolla la aventura»²; oferecem, contudo, escassa informação, sendo difícil, cotejando a tradição antiga com a moderna, destringar o que se preserva do século XVI nas actuais versões e o que constitui nova matéria incorporada ao texto herdado.

Desta questão se ocupa Paul Bénichou³, bem como Diego Catalán no artigo já citado, sendo desnecessário repetir os argumentos expostos por ambos.

O aparecimento deste documento pode, não obstante, contribuir para reforçar certas teses de Bénichou que, ao contrário de Catalán, suspeitava do rigor da datação.

Logo na descrição das versões então por ele conhecidas, escreveu Bénichou, a propósito da lição publicada por Braga: «Versión sacada, dice el editor, de un manuscrito del siglo XVII»⁴. Tornar-se-á muito mais clara a sua suspeita na nota 40 desse mesmo capítulo, onde afirma: «Pero, ¿están bien establecidas esa procedencia y esa fecha? La versión tiene los motivos, y los cambios de asonante, de las modernas (faltan los versos finales con la evocación de la deshonra y la queja de la niña), y produce la impresión de ser una de ellas».

Sugerindo dúvidas no que respeita à datação – e também quanto à sua procedência – Bénichou acha possível tratar-se de uma versão muito mais recente do que a data postulada por Teófilo⁵.

Pelo contrário, Diego Catalán, ao refutar a hipótese de uma má localização temporal, sustenta a antiguidade da versão manuscrita, insistindo entre outras razões no «curioso lenguaje» – isto é, o seu bilinguismo.

Expostas que foram as duas opiniões acerca do «Romance

do Cativo de Argel» – assim intitulado por Teófilo⁶ –, pelo documento existente em Ponta Delgada, parece-me que Diego Catalán acreditou demasiado na informação de Braga. Se analisarmos com rigor as indicações dadas pelo compilador açoriano veremos que ele próprio não é categórico na datação, insinuando apenas que a letra «denuncia», por outras palavras, lhe parecia ser do século XVII.

Teófilo não era um paleógrafo e, se errava em aspectos muito mais próximos das suas especialidades, plausível se torna acreditar na hipótese de uma má datação. Aliás, já Menéndez Pelayo e Carolina Michaëlis tinham considerado totalmente absurda a cronologia por ele proposta para uma «Lição manuscripta» do «Romance de Dona Inez de Castro» publicada nos *Cantos Populares do Archipélago Açoriano*.

Afirma Braga: «Era para admirar que a tradição do povo, conservando vivíssima a memória dos amores de Inez de Castro, os não perpetuasse nos seus cantares. (...) O que publicamos foi achado entre os papeis velhos de um burguez honrado do Porto, escripto em letra dos fins do século XVIII»⁷. Inoricamente contestará «Da. Carolina esta datação⁸; por sua vez Menéndez Pelayo escreverá que «no es de fines del siglo XVIII, como da a entender aquel erudito, sino de fabricación moderna y romántica»⁹.

Acrescento ainda que os casos assinalados não são únicos e que no *Romanceiro Geral Portuguez* se encontram novas imprecisões, o que, infelizmente, faz com que mais uma vez se escreva sobre Teófilo para o corrigir.

Tendo em conta que o manuscrito encontrado é do século XIX e não seiscentista; observado que foi um outro caso em que erroneamente Braga datou um texto, julgo pertinente retomar a informação dada por Braga em 1867 para rebater uma hipótese que, com justiça, se poderia formular, mas que não creio possível admitir: refiro-me à eventualidade de postular a existência de um outro manuscrito não encontra-

do, sendo o de Ponta Delgada uma cópia oitocentista do original mencionado por Teófilo. Não nos esqueçamos – e seria absurdo pensar que houvesse má-fé na informação do escritor dos Açores – que Braga afirmava possuir o manuscrito do século XVII. Seria possível que se tivesse extraviado esse documento; julgo, contudo, muito improvável a existência de uma cópia no espólio que não tivesse sido feita pelo punho do próprio Braga. Não vacilo, portanto, em afirmar que o fólio encontrado é o mesmo a que Braga se referia. Sem querer justificar o erro, não ponho de parte a ideia de que o historiador da literatura portuguesa, muito apressado nas suas conclusões, se tenha deixado influenciar pelas palavras de Garrett que datava o tema do século XVII¹⁰.

Sem resposta fica o problemático bilinguismo do romance que, se até agora se podia explicar como resultado da sua recente introdução em Portugal, neste momento volta a gerar a necessidade de novas justificações.

Notas

1. Para o conhecimento dos textos impressos durante o século XVI consulte-se o *Diccionario de pliegos sueltos poéticos (siglo dieciséis)*, Madrid, Editorial Castalia, 1970 e o *Manual Bibliográfico de Cancioneros y Romanceros (siglo XVI)*, 2 vols., Madrid, Editorial Castalia, 1973, de Antonio Rodríguez-Moñino.
2. Diego Catalán Menéndez Pidal, «Memoria e invención en el Romancero de tradición oral» (II), in *Romance Philology*, vol. XXIV, n. 3, Fevereiro de 1971, p. 445.
3. Paul Bénichou, *Creación poética en el romancero tradicional*, Madrid, Editorial Gredos, 1968, pp. 160-188.
4. Bénichou, *op. cit.*, p. 161 nota 5.
5. Escreve Braga: «Este romance foi-me oferecido no Porto, escripto em uma letra que denuncia o seculo XVII. Guardo este documento que prova mais uma vez a grande intuição artística de Garrett quando disse: «O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Extremadura fora; – não deve

ser mais antigo que o meado do século XVII». *Romanceiro Geral colligido da tradição*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867, p. 207.

6. Pelo microfilme parece-me ser letra de Teófilo Braga o título dado e apostado ao texto manuscrito.

7. *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, Porto, Livraria Nacional, 1869, pp. 456-457.

8. Cf. *Romances Velhos em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, p. 69: «O romance português, provindo do espólio de um cidadão do Porto, é evidentemente moderno, inspiração sentimental de algum admirador e émulo de Almeida-Garrett, a modo de Estácio da Veiga». Leia-se também na mesma página a passagem em que com virulência destroi Da. Carolina outras «mistificações», referindo-se ainda a Teófilo Braga.

9. *Antología de Poetas líricos Castellanos*, Tomo XII, Madrid, Librería de Perlado, Páez y Ca., 1906, p. 289.

10. *Romanceiro*, edição revista e prefaciada por Fernando de Castro Pires de Lima, vol. III, Lisboa, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho - Gabinete de Etnografia, 1963, p. 86.